



A Amazônia será mostrada em série de cinco filmes

## TV inglesa documenta destruição da Amazônia

Ruth de Aquino  
Correspondente

LONDRES — A Amazônia e seus personagens — índios, seringueiros, agricultores, posseiros e garimpeiros — invadirão as casas inglesas a partir de hoje, numa série de cinco filmes produzidos desde 1980 pelo Channel Four, um dos dois canais comerciais da TV na Grã-Bretanha. O diretor, Adrian Cowell, 57 anos, um apaixonado pelo Brasil, lança este mês um livro com o mesmo nome da série, *The Decade of Destruction* (A Década da Destruição). Mas sua mensagem é otimista: ele espera começar a filmar em breve no Brasil *The Decade of Environment* (A Década do Meio Ambiente).

Mesmo depois de ter testemunhado toda sorte de desastres, mortes e tragédias na Amazônia desde que, em 1957, com 23 anos, foi pela primeira vez à região numa expedição estudantil, Cowell manteve uma visão romântica da floresta e de seus habitantes. É por isso que, enfatiza, seu trabalho não é "sobre árvores, mas sobre gente". Por visão romântica não se entenda, porém, que o diretor, nascido na China e formado em Cambridge, Inglaterra, não conseguiu apreender a realidade brasileira. Ele aprendeu português com os índios e tomou consciência de que a ecologia, no Brasil, é um problema social e econômico antes de tudo.

**Otimismo** — Seu otimismo em relação à ecologia no Brasil tem como base a amizade que cultiva há anos com o secretário nacional de Meio Ambiente, José Lutzenberger, que lhe telefonou quando o presidente Collor o convidou para o cargo. "Lutzenberger tinha dúvidas sobre se conseguiria sobreviver e não tinha certeza das intenções do governo Collor", afirmou Cowell, que no Brasil, ano passado, filmou muito mais o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, sem saber que, mais tarde, acabaria apoiando a política ecológica do então candidato do PRN. Hoje, com uma longa experiência de Brasil, Cowell está bem longe do estudante que se encantou e se embrenhou pela mata em Roraima há mais de 30 anos.

"A primeira vez que viajei na Amazônia, nosso objetivo era fazer um filme sobre uma montanha. Olhando para trás, parece previsível que o filme acabasse não sendo sobre a beleza da montanha mas sobre como ela inspirou o romance visionário de Conan Doyle, *The Lost World*. Fazíamos parte de uma expedição estudantil que tinha recebido uma câmera e algumas centenas de libras da BBC.

Esse é o início do prefácio do livro de mais de 200 páginas e muitas ilustrações, dedicado ao Xingu, que conta as aventuras de Cowell num mundo que lhe era totalmente desconhecido. De uma certa forma, ele alimenta mitos que cercam a Floresta Amazônica, como se fosse uma região na qual todos, de agricultores, garimpeiros e posseiros a governantes e banqueiros internacionais, projetassem

suas "visões e ambições", provocando com isso uma série de desastres naturais e financeiros. As queimadas que presenciou nesta década representam para Cowell, "em termos de simples poder de fogo, a maior incineração já realizada pelo homem", "o maior holocausto, no sentido literal da palavra". Mas o que chama sua atenção é sobretudo "a falta de razão de ser", já que muito poucas pessoas ganham com toda essa devastação.

Os filmes que o Channel Four apresentam a partir de hoje, e que serão mostrados também nos Estados Unidos, pretendem terminar, segundo Cowell, com estatísticas mostrando que, este ano, as queimadas foram reduzidas imensamente. Ele espera receber de Lutzenberger números que comprovem sua teoria de que existe no Brasil "uma onda ecológica" que reverterá na próxima década o destino a que parecia estar condenada a maior floresta do mundo. Por isso, o fecho da série ainda não está pronto.

**Índios** — O primeiro filme, *The Search for the Kidnappers* (A Busca aos Sequestradores), não tem tanto a ver com a floresta. É a história particular de uma família de lavradores que perde todos os filhos, mortos pelos índios Uru Eu Wau Wau. Um deles, de sete anos, tinha sido aparentemente sequestrado e o filme acompanha o drama do pai que busca o menino por toda parte. Durante o filme, fica claro que o mesmo pai havia matado antes alguns índios, que se sentiam ameaçados. Dez anos depois, os 2% de desflorestamento de Rondônia aumentaram para 50%, os lavradores, muitos deles, foram mortos pelos índios e a tribo morreu de epidemias contraídas nos contatos com os brancos. Moral da história, segundo Cowell: ninguém, no final, ganha com essa devastação indiscriminada.

Esse primeiro filme segue uma linha de suspense. A fotografia é belíssima e a floresta é apresentada no início entre brumas, como uma região inexpugnável e cheia de perigos atrás de cada árvore.

Os outros filmes são: *In the Ashes of the Forest* (Nas Cinzas da Floresta), *Killing for Land* (Matando pela terra), *Mountains of Gold* (Montanhas de Ouro) e, como não poderia deixar de ser, *The Life and Murder of Chico Mendes* (Vida e Morte de Chico Mendes).

Além da mensagem otimista de que o pior já passou, Cowell pretende reforçar, com sua série e seu livro, a idéia de que a dívida externa brasileira precisa ser reduzida pela compreensão dos credores, se os países civilizados realmente desejarem contribuir para o fim da devastação. A politização da ecologia é uma idéia que tomou bastante fôlego nos últimos anos entre as organizações ambientalistas (o slogan é *cut the debt not the forest*, corte a dívida não a floresta), mas os mais céticos acham que não vingará jamais, diante dos poderosos interesses em jogo. Cowell não está entre eles.

"Se o Brasil mostrar que reduziu as queimadas consideravelmente haverá redução da dívida, tenho certeza", disse, confiante.